

Rio Lima

Origem — Encómio — Riqueza Piscícola, seu valor económico e Turístico

por **Aristides Brás Arroteia**

Origem

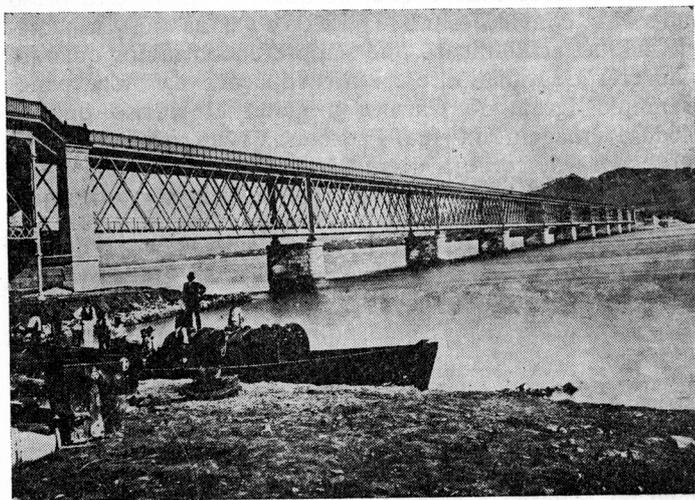
O rio Lima nasce na lagoa de Antela, Serra de S. Mamede, província de Orense, Espanha.

Corre através de profundo vale que tem o seu nome e entra em Portugal pela fronteira do Lindoso, banhando Ponte da Barca, Ponte de Lima e Viana do Castelo, onde desagua no Oceano Atlântico.

O seu percurso anda à volta dos 130 quilómetros, 58 dos quais por terra portuguesa. Entre a foz do rio de Castro Laboreiro e a fronteira da Madalena (Lindoso), serve de linha divisória entre Portugal e Espanha.

Em tempos passados, durante séculos, até 1400, também tinha a mesma missão entre as dioceses de Tuy e Braga.

Embora com bastantes acidentes hidrográficos, é navegável desde Ponte da Barca, isto é, cerca de 40 quilómetros. O seu principal afluente, na margem direita, é o rio Vez.



1878 — Ponte sobre o Rio Lima

Encómio

Correndo entre ravinas e altas penedias graníticas, sempre na ânsia inesgotável de se abraçar às salsas águas marinhas, o rio Lima banha esta linda região minhota dando-lhe vida, refrescando hortas, pomares e veigas de vinho e pão.

Todos os povoados sentem os benefícios da sua vizi-

nhança, do seu frescor, dos seus viçosos encantos e da sua poesia, da qual Diogo Bernardes foi o seu inspirado cantor. Frei Agostinho da Cruz, António Feijó, Raúl Teixeira e outros também enaltecem o Lima nos seus graciosos, bucólicos e amorosos versos.

Região fértil, ubérrima, impregnada de verdes e cheia de luz, ora diáfana, transparente, dá-nos cenários empolgantes e ricos de magia, deixa-nos perplexos perante tão imprevistos e sempre variados panoramas.

Só o vasto estuário deste lendário Lethes é um lenitivo que nos consola, estimula e dá boa disposição. É um espectáculo cheio de harmonia e contrastes inesgotáveis como não há outro dentro da riqueza paisagística do País.

Riqueza piscícola, seu valor económico-turístico

Em épocas passadas, o rio Lima foi rico em espécies piscícolas. Um dos atractivos iniciais do estabelecimento de povos junto à foz do Lima pressupõe-se, e muito bem, ter sido a pesca.

Embora de modo incipiente, pois os processos eram os mais primitivos, os resultados deveriam ser os mais proveitosos que se possa imaginar, tal era a abundância e variedade.

Existiu uma humilde povoação de pescadores denominada S. Salvador de Atrio, que mais tarde, em 1258, com outros lugares pertencentes à paróquia de Santa Maria da Vinha, por foral de D. Afonso III, passou a chamar-se Viana da Foz do Lima.

Daqui saiu, com os primeiros produtos da região exportados para os países do norte da Europa, peixe em salmoura.

Sinal de riqueza, abundância e boa qualidade de pescado.

Por muitos anos a fartura no estuário do Lima era notável em robalos, solhas, linguados e tainhas, além de outros peixes que entravam no rio e eram pescados mais lá para cima, tais como salmão, lampreia, sável e truta marisca.

Ainda nos nossos dias, há cerca de 60 anos, na foz do ribeiro de Santa Marta, fez-se uma redada de mais de 80 salmões!

Depois, com a construção da barragem do Lindoso, o acentuado açoreamento da barra e o exagerado e incongruente processo de pesca, as espécies ricas foram escasseando de tal modo que actualmente são uma raridade.

O crescimento da população e o elevado consumo de peixe levaram a melhorar os processos de pesca, que começaram a ser mais eficientes, exaustivos e destruidores, de tal modo que o pescador profissional não tardará a ter de enfrentar (e já os sente!) os resultados nefastos da sua desmedida ganância.

Só pensa no dia-a-dia, no imediato, olvidando o futuro sombrio a avizinhar-se assustadoramente de todos nós.

Desde a foz até ao Barco do Porto, o uso imoderado de redes de arrasto, Vargas e tranqueiras vão eliminando tudo durante o dia e noite.

Em Ponte de Lima, Ponte da Barca e por ali acima, ouvem-se queixas nesse sentido, pois todos os peixes que entram no rio Lima ficam logo retidos no início da sua viagem e, raros são, os exemplares de lampreias, sáveis, salmões e trutas que conseguem ultrapassar a barragem de armadilhas que encontram logo à entrada do nosso rio. Quem escreve estas linhas olha com vivo interesse, desde longa data, estes e outros assuntos ligados aos cursos de água doce. O rio Lima é objecto da sua máxima atenção e, para ele, alguma simpatia é dispensada, especialmente no aspecto desportivo.

Conhecêmo-lo desde a foz até à fronteira da Madalena. Temos calcado as margens areentas, lodosas e pedregosas bastantes vezes durante muitos anos. Fomos dos primeiros a utilizar os modernos processos e aparelhagem de pesca desportiva. Temos vivido momentos de agradável convívio com a Natureza e com os sucessos piscatórios. Saltar de pedra em pedra, ouvir o assobio alegre e jovial do melro empoleirado nos laranjais de Ermelo, o trinar do rouxinol ao cair das Avé-Marias nos salgueirais ribeirinhos, a cabriola desconcertante de uma truta ou o pincho atabalhoado das bogas, é, para nós, devaneador e amigo do ar livre, um prazer saudável, bem estar e alegria.

Por isso, sentimos, com pesar, o modo célere como definha o rio Lima, perante a negligência dos responsáveis, que vão protelando os problemas e protecção das águas interiores do País.

Este rio poderia ser um «el dorado» da pesca desportiva, pois, felizmente, ainda é dos poucos onde a poluição das suas águas é diminuta. As poucas trutas (salmo fario e salmo trutta) e os poucos salmões existentes poderiam multiplicar-se se lhes fossem dispensadas atenções adequadas.

Sempre alvitramos a sua protecção e melhores condições de vida no troço que medeia entre Ponte da Barca e Parada do Monte (Central do Lindoso). Pensamos numa reserva-turística, pois, como se sabe, tanto a pesca como a caça são o melhor cartaz propagandista de uma região.

Um antigo administrador da TAP, falecido há pouco, veio falar-nos no assunto, pois delinearíamos um projecto nesse sentido que, recentemente, foi aproveitado e posto em prática parcialmente pelos Serviços Florestais, e que só não foi avante em virtude da mudança política portuguesa.

Embora a iniciativa fosse arrojada, até certo ponto, carecia de estudo e não se coadunava com as necessidades de uma solução prática e a contento de todos que gostam de usufruir a pesca desportiva.

A reserva da bacia hidrográfica do rio Lima foi uma experiência, que renovada, poderá vir a proporcionar-nos largos réditos.

Não podemos esquecer que se pescam, desportivamente, todos os anos, alguns salmões e umas centenas de trutas com exemplares de tamanho notável.

Porém, normas e preceitos atinentes a esta questão não podem ser protelados.

A foz do Lima não pode estar à mercê de meia dúzia de gananciosos. As tranqueiras terão de ser sujeitas a novo regulamento, como aliás todo o rio Lima, não pode consentir-se o modo destruidor como são utilizadas, vedando, durante alguns meses do ano, o rio de margem a margem. A varga da solha também é uma ratoeira da morte para muitas espécies. As redes de arrasto utilizadas mesmo na saída do rio, toda a madrugada, são obstáculos

que impedem a entrada das espécies migratórias que sobem o rio com uma missão imposta pela Natureza — a reprodução.

Toda a gente sabe que o salmão desova no rio onde nasceu, e onde nasceram seus pais e avós. Com a truta do mar, sável e lampreia acontece o mesmo. Não havendo o mínimo de amparo a essas espécies elas vão rareando cada vez mais.

Se não houver quem defenda e proteja os valores naturais, a alegria de viver vai encontrando os seus quês, o desejo de enfrentar as realidades da vida vai encontrando algo que não se coaduna com a maneira real de ser de todos nós.

Depois, a recuperação é difícil, onerosa e demorada.

Em qualquer País civilizado do Mundo, os salmonídeos têm protecção e cuidados especiais.

Aqui bem ao lado, na vizinha Espanha, isso acontece e se queremos sentir o verdadeiro prazer de pescá-los temos de lá ir. Falar na organização extraordinária do Canadá seria exaustivo, basta dizer que é um paraíso para caçadores e pescadores, e há um Ministério com esse pelouro.

Mas isso, mau grado para nós, é utópico. Bastar-nos-ia o mínimo de condições que chamassem até ao rio Lima os portugueses que vão a Espanha, todos os anos, em época própria.

Se não há capacidade para criar um modelo novo de regras, copie-se e ponha-se, com as devidas adaptações, em prática.

Aqui vão algumas sugestões, que podem ser submetidas a discussão:

- a) Determinar as qualidades químicas e hidrobiológicas da água para se saber a sua produtividade, sem o que é impossível avaliar-se quantos quilos de salmonídeos podem ser criados por quilómetro de rio;
- b) Repovoamentos periódicos, conscienciosos e oportunos;
- c) Fiscalização permanente e disciplinadora, com pessoal especializado, que saiba consciencializar os ribeirinhos e eliminar os maus hábitos recebidos dos seus antepassados;
- d) Encerramento da pesca aos salmonídeos durante três anos seguidos;
- e) Aproveitamento dos principais afluentes como reservas auxiliares do rio Lima. Coutá-los, mas em moldes diferentes dos que já tiveram;
- f) Acabar com o imoderado e contraproducente sistema de pesca à rede atrás referido, a partir da foz;
- g) Regulamentar e fiscalizar a extracção de areia e seixo, evitando que essa indústria destrua, com as suas máquinas de sucção e arraste, os ovos e alevins. Evitar também que se altere margens e leito do rio degradando e devassando os aspectos paisagísticos;
- h) Escalões de licenças diárias, limite e dimensão das capturas. Não saturar os tramos coutados com a presença de pescadores. Atenção aos naturais dessas zonas, evitar que se tornem inimigos das concessões;

- i) Demarcação das áreas reservadas com troços intermitentes e livres. Estudo das normas a impôr neste caso;
- j) Ter o máximo cuidado com as partes loteadas, não esquecendo os proprietários dos terrenos marginais. Atenção às propriedades indevidamente vedadas não permitindo a livre circulação dos portadores de licença de pesca;
- l) Abrigos nas proximidades do Lima e afluentes coutados;
- m) Vários escalões de taxas a cobrar terão de ser conscienciosamente bem ponderados, não caindo na desfaçatez da recente experiência.

Enfim, seria um chorilho de sugestões e alvitres.

Tornar o Lima um rio rico, um chamariz turístico, um ponto de apoio sócio-económico desta região minhota é um dos velhos desígnios deste sonhador, sempre cheio de «nervoso do rio» e que aproveita todas as oportunidades para dar largas à sua ideia.

O pescador desportivo é um turista, incentiva o turismo-indústria, dá movimento a um sector que anima um ror de actividades. Quase todo o ano se encontra em acção. Os fins de semana são o alívio das suas funções laboriosas e para se recompor foge para o ar livre, para junto dos regatos. Se tem a sorte de pescar duas ou três trutas é certo e sabido que regressa.

Isso é muito importante. Automóvel em movimento, hotéis, restaurantes, pousadas, cafés, lembranças, gratificações e tudo o mais que uma deslocação obriga.

Por experiência de dezenas de anos sabemos que é assim. Muitas terras — cidades, vilas, aldeias e recatados lugarejos deste nosso encantador pequeno Mundo que é Portugal — seriam desconhecidas se não estivéssemos impregnados desta paixão que nos tem dado variada convivência, relações de amizade e muita vontade de continuar pela vida fora com um desporto cheio de fins aliciantes e animadores a uma vida melhor, no aspecto de saúde, e sempre cheia de imprevistos.

Pena é que em Portugal não se leve de modo sério um valor que vai sendo postergado desde há longos anos.

Prosa deste género, teimosa e insistente, temos publicado desde longa data. Com artigos publicados em revista da especialidade conseguimos atrair, em especial ao rio Minho, muitas dezenas de confrades em S. Pedro, a maioria dos quais volta sempre quer faça sol, frio ou chuva. O rio Lima, aos sábados e domingos, de Ponte da Barca para cima, até ao dia 31 de Julho, é visitado por muitos apaixonados da pesca desportiva.

O Minho não é tão rico que possa perder este género de turismo caseiro, pertinaz e progressivo.

Portanto, o fomento e protecção dos rios torna-se uma necessidade imperiosa; são uma ajuda de certo vulto para a promoção dos sectores *económico, social e turístico*.

Viana, Julho de 1978.